

POLÍTICA

JORNAL DA TARDE

A caminho do fascismo populista

Octávio Thyrsó de Andrade

Quando os controles estatais, reser-
va de mercado e restrições ao tra-
fego das mais variadas espécies.
— Lá pelos idos de 86 o sr. José
Sarney falava em manter o déficit
orçamentário em torno de meio
por cento do PIB. Agora o referido
percentual ultrapassa 5%. Na mar-
cha de desgoverno em que vamos, a
pobre democracia que se tenta
manter entre nós poderá morrer
de má-não.

Na Bolívia a inflação caiu de
20.000% ao ano em 1985 — isto mes-
mo, 20.000% — para 10% em 1986. O
déficit orçamentário boliviano re-
duziu-se dos horrorosos 28% do
PIB, em 84, a 4% ao findar o ano
passado. A recessão que prosse-
guiu após a adoção das primeiras
medidas saneadoras — a recessão
vinha de muito antes deles — apre-
senta agora sinais de haver ces-
sado.

As dívidas?

O barão Louis, que foi ministro
das Finanças de Luís XVIII, logo
após a queda de Napoleão, tinha
uma receita singela para pôr em
ordem as contas do Tesouro: "Fai-
tes-moi de bonne politique, je vous
ferais de bonnes finances". A fór-
mula é inaplicável em nosso meio
por que a boa política não interessa
a muitos dos que andam por aí...

Antes de terminar reconheça-
mos, lealmente, que não pagar dí-
vidas também pode ter as suas van-
tagens. Os comunistas soviéticos
engoliram as economias de peque-
nos poupadores europeus — que as
havia emprestado ao Tsar — e só
há poucos meses recomparam o
resgate dos famosos "empréstimos
russos". Atentemos, porém, para
uma importante circunstância. A
fim de proceder tal como a URSS
— ensina-nos o já citado Jean Du-
tourd, em seu livro *La Gauche la
plus bête du monde* — é absoluta-
mente indispensável ser nitida-
mente de esquerda.

Com certeza foi para ajudar a
empurrar o Brasil à sinistra que
um filho do presidente Sarney de-
cidu convidar Fidel Castro e visi-
tar a nossa Constituinte... "Quous-
que tandem?"

A última nota divulgada pela
Comissão Executiva do PMDB a
propósito da dívida externa é de
uma incongruência patética. Afir-
ma o documento que os pagamen-
tos da dívida ultrapassam em valor
o montante em reparações que a
Alemanha deveria ter pago aos
Aliados após a Primeira Guerra
Mundial. Ao misturarem alhos com
bugalhos os eminentes cabeças-de-
ovelha da Executiva omitem no ba-
lance da dívida a coluna do "Ati-
vo", a qual mostra que os bilhões
de dólares sacados por nossas esta-
tais e estatocratas em bancos es-
trangeiros superam a totalidade
dos créditos outorgados pelo Con-
gresso Norte-americano ao Plano
Marshall, conforme demonstramos
pormenorizadamente em artigo
aqui publicado a 8 de março de
1982, há cinco anos, portanto!

Os dirigentes emedebistas não
levam em conta Itaipu e demais
imensas usinas hidroelétricas,
construídas nestes últimos anos,
esquecem os satélites e a total re-
modelação dos meios de comunica-
ção internos e externos do País, os
portos, as ferrovias — e a Ferrovia
do Aço, hein? —, as estradas de
rodagem, o desastroso Programa
Nuclear, os diversos empreendi-
mentos da Siderbrás, as compras
externas de petróleo e o financia-
mento para a construção de plata-
formas de exploração submarina
— tudo isso pago com recursos da
economia estrangeira. Também faz
de conta — o PMDB — não existi-
rem as centenas de milhares de
empregos proporcionados aos apa-
drinhados do governo e à incomen-
surável clientela de políticos fisi-
ológicos por todas as atividades tor-
nadas possíveis com o dinheiro to-
mado emprestado lá fora.

A Comissão Executiva do
PMDB e o sr. Ulysses Guimarães —
que a tem à sua imagem e seme-
lhança — consideram o povo uma
súcia de desatentos? Acreditam
mesmo que a questão da dívida ex-
terna é conduzida "com firmeza"
pelo governo? Ou, com a frase, ten-
tou erigir um biombo para ocultar
o enferrujamento e a incompetên-
cia da administração que insti-
tuíram?

Chapéu na Mão

O Brasil não crê na indepen-
dência e no nacionalismo de um
governo que, antes de fazer contas
a fim de saber de quanto poderia
dispor para saldar a dívida, nervo-
samente despacha o ministro da
Fazenda ao encontro de ministros
de Finança estrangeiros, de chapéu
na mão, para implorar a esmo-
la que a *Nomenklatura* requeira a
fim de continuar a chafurdar-se

nos déficits e em molezas inexpli-
cáveis ("Não admitiremos reces-
são" quer dizer "Teremos que
prosseguir vivendo acima de nos-
sos meios"). A viagem levianamen-
te empreendida, expôs o ministro
brasileiro ao risco de ouvir, por
exemplo, perguntas como esta: —
"Se vocês ainda pagam os salários
dos funcionários do BNH, por que
fecharam o Banco? Se o fecharam,
por que perpetuam os pagamen-
tos?" "Salvou-se o sr. Funaro desta e
de outras manifestações de repug-
nância por nossas mazelas — que
não precisavam exibir lá fora —
unicamente por causa da implacá-
vel boa educação dos visitados.

A micropolítica externa que
enfiou o Brasil nas matas e savanas
africanas parece ter repercutido,
de torna viagem, em outros círcu-
los da administração, a ponto de
levá-los a considerar meritório o
Brasil conduzir-se nos centros fi-
nanceiros internacionais tal uma
Etiópia ou uma Uganda qualquer.
A nota da Executiva do PMDB e
certos recentes pronunciamentos
de altas autoridades, encharcados
de patriotadas pueris, ineptas e ri-
dículas, só servem para comprovar
que o Brasil — uma grande nação e
um povo empreendedor — não me-
rece ser castigado com a presença
dos políticos e do governo que tem.
Nos termos perdidos com que a
Executiva do PMDB e as autorida-
des enfocam o problema do endivi-
damento externo, a Nação corre o
risco de rolar para a fossa comum
onde as "democracias populares"
sepultam as liberdades dos povos.

Não subestimemos a capacida-
de de atuação das minorias esquer-
distas. Os nossos marxistas no po-
der leram Marx como o acadêmico
francês Jean Dutord diz que Don
Quixote lia "O Amadis da Gália",
acreditando que tudo é possível.

A História Ensina

A História não se repete, mas
nela sempre encontramos ensina-
mentos preciosos. Acontecimentos
houve que começaram de uma for-
ma e acabaram totalmente descar-
acterizados. O golpe militar de 15
de novembro de 1889, dirigido ini-
cialmente contra o gabinete libe-
ral do Visconde de Ouro Preto, der-
rubou a monarquia-parlamentar-
constitucional. A vitória republica-
na foi obra de um pequeno e com-
petente grupo de conspiradores ci-
vis. O povo a tudo assistiu "bestifi-
cado". A república instalou-se tão
precariamente que os seus líderes,
temendo a reação monárquica,
obrigaram o imperador a partir
imediatamente para o exílio, em-
barcando-o na calada da noite, sem

maiores considerações. (A Mari-
nha era tida como monárquica.) A
"consolidação republicana" con-
sistiu, em verdade, em deplorável
surto de autoritarismo florianista.
(Veja-se, a propósito, a excelente
tese do sr. Antonio Luís Porto e
Albuquerque: "O pensamento polí-
tico dos líderes da Revolta da Arma-
da", Universidade Gama Filho.) Os
positivistas eram insignificante
minoridade que conseguiu impor-se.
Naquele tempo o positivismo grá-
sava na Escola Militar assim como,
atualmente, o marxismo — ou certo
esquematismo que se lhe assem-
elha — devasta as universidades
civis.

Napoleão dizia que ante certas
situações não devem as pessoas de-
sesperar-se; o que lhes incumbem
em momentos críticos, é deliberar.
Mas não esqueçamos que a tergi-
versação também pode ser tática
política. O ex-udenista, ex-arenis-
ta, ex-pedesta e atual emedebista
sr. José Sarney estaria em processo
de metamorfosear-se em Florianio
Peixoto civil?

As simulações, procrastina-
ções e negações em que o surpreen-
demos ultimamente — tão pareci-
das com as de Florianio — visariam
permitir-lhe assumir o comando de
um "governo forte", de substância
populista, apoiado nas "massas",
tal como o *Marechal de Ferro* esco-
rou-se no Exército.

"Algo mais no ar"

A postura do governo diante do
problema da dívida leva-nos a crer
que, efetivamente, "há algo mais
no ar, além dos aviões da carreira".
O problema da dívida não tem as
conotações apocalípticas com que
o apresentam. Na hipótese de o
País optar por um regime de libe-
dade não será necessário compro-
meter dois, três ou cinco por cento
do PIB na liquidação da dívida.
Quando houver contenção eficaz
dos gastos supérfluos do Estado, no
dia em que se conhecerem normas
nítidas para a atuação da livre ini-
ciativa, na hora em que o Brasil for
aberto aos investimentos de capi-
tal de risco do exterior, o PIB cres-
cerá o bastante para permitir li-
quidação dos débitos sem sacrifi-
cios coletivos. Os xiitas de plantão
— os que adoram o capital estran-
geiro emprestado, por não terem a
preocupação de pagá-lo — dirão
que não podemos nos converter ao
regime de economia de mercado
devido a riscos de recessão genera-
lizada que a conversão comporta-
ria. A afirmativa é improcedente e
mesmo tola. A recessão é o que
estamos a sofrer hoje em dia, sob